

Presença da racionalidade sensível em diários de aulas de música: a busca de metodologias de ensino em tempos difíceis

Comunicação

GTE 04 - Educação Musical e Pesquisa (Auto)Biográfica

Ana Lúcia Louro
UFSM/UDESC
ana.louro@ufsm.br

Resumo: Que tipo de metodologia de ensino e de formação de professores poderia ser adequada em momentos de tragédia? No presente relato de pesquisa, busca-se responder à esta questão a partir da análise de diários de aula que foram escritos na disciplina de Prática Educativa II do curso de Música: Licenciatura Plena da Universidade Federal de Santa Maria. Nesta direção, foi proposto um projeto de pesquisa com o seguinte objetivo geral: investigar a presença da racionalidade sensível em diários sobre prática de ensino logo após as enchentes no Rio Grande do Sul, em maio de 2024. Os objetivos específicos são: pontuar a presença da racionalidade técnica nos diários; destacar os usos do conceito de Zabalza (2004) sobre dilemas; dissecar as metodologias de ensino ligadas à racionalidade sensível. Observa-se que, embora a racionalidade técnica esteja sempre presente, o desafio do momento atípico potencializa a possibilidade de uma racionalidade sensível (Bragança, 2011). Desta forma, o desafio do momento atípico, torna-se objeto privilegiado do olhar de pesquisadores que buscam diferentes intercâmbios entre música e narrativa verbal, contribuindo para os debates sobre formação de professores e pesquisadores dentro de um viés da pesquisa (Auto)biográfica em Educação Musical.

Palavras-chave: Diários, Tragédias, Racionalidade sensível.

Considerações iniciais

Enquanto não era possível sair de casa, eu tentava administrar aquela situação atípica e me perguntava como poderia voltar às aulas depois daquilo tudo. Quando voltamos, em todo o nosso curso, particularmente na disciplina de Prática Educativa II, deparei-me com as dúvidas dos nossos professores em formação sobre suas próprias aulas e alunos.

Essa foi a primeira aula após as enchentes no RS que tanto prejudicaram a todos do estado, esse é um momento muito delicado, sensível e de acalanto ao povo gaúcho que tanto perdeu. Não fui afetada fisicamente, nem minha família, apenas conhecidos sofreram perdas, todavia, não consigo não me compadecer diante de acontecimentos tão tristes; me sinto fraca emocionalmente em um lugar profundo onde não consigo encontrar a superfície. Muitas perdas aconteceram para todos e parece que a cada notícia uma parte dentro de mim se quebra (Professora 1¹, Diário 4²).

Autores como Dupuy (2006) tratam da perspectiva social das catástrofes, considerando que, como sociedade, devemos estar preparados, pois, especialmente com as mudanças climáticas, as catástrofes tendem a se repetir, atingindo de forma mais dura as camadas mais vulneráveis da população. Dupuy alerta que somente uma abordagem técnica não só não seria suficiente como poderia mesmo conduzir a um desastre. Em suas palavras:

A presunção fatal consiste em acreditar que a técnica, que destronou o sagrado, o teatro e a democracia, poderá desempenhar o papel que era destes quando a capacidade de agir se exercia apenas dentro do domínio das relações humanas. Acreditar nisso é ficar prisioneiro de uma concepção da técnica que vê nesta uma actividade racional, submetida à lógica instrumental, ao cálculo dos meios e dos fins. Mas a técnica é, precisamente hoje, esta capacidade de desencadear processos sem retorno. Aproxima-se muito mais da acção do que da fabricação. Abandonar-se ao optimismo cientificista, que conta unicamente com a técnica para nos tirar dos impasses onde esta nos colocou, é correremos o risco de engendrar monstros que nos irão devorar (Dupuy, 2006, p. 1193).

Dentro da área de Educação, no que se refere à formação de professores em uma perspectiva (auto)biográfica, Bragança (2011) fala da possibilidade de uma racionalidade sensível que “contrapõe-se à racionalidade técnica” considerando a vida dos alunos “em toda a sua complexidade existencial, como componente fundamental do processo formativo” (p. 157). Na área de Educação Musical, no que tange à questão das racionalidades, Penna (2010) já apontava uma crítica ao pensamento estritamente técnico no ensino de música. A autora

¹ Os professores em formação – da disciplina de Prática Educativa II, do semestre 2024/1, do Curso de Música: Licenciatura Plena da UFSM – são chamados neste texto de “professores”, buscando-se valorizar o fato de que eles já desempenhavam este papel, além de ser esta uma forma de distingui-los, na escrita, de seus alunos.

² Os professores escreveram, no mínimo, seis diários durante o semestre (houve uma diminuição do número de diários em função dos problemas causados pelas enchentes). Uma vez que não se manteve um rigor quanto às datas, os diários foram numerados conforme os professores os elaboravam. A questão do anonimato foi solicitada por uma das professoras que teve atuação em abrigos durante as enchentes.

descreve diversas cenas do filme “Mr. Holand, meu querido professor”, buscando contextualizar uma racionalidade prática no ensino de música.

A partir do contexto do Movimento (Auto)Biográfico da Educação Musical no Brasil (Texeira; Almeida, 2023; Almeida; Teixeira, 2024), abordo, neste texto, uma possibilidade de aproximação entre racionalidade sensível e técnica no ensino de música por alunos da disciplina de Prática Educativa II do Curso de Música: Licenciatura Plena da UFSM. Isto se dá por meio de relatos nos diários de aula, escritos no primeiro semestre de 2024, entre os quais há aqueles que descrevem dilemas³ relacionados ao momento atípico, enquanto outros trazem problematizações entre a necessidade de ensinar instrumentos, voz e teoria musical e manter uma proximidade humana com os alunos – alguns abalados pelo fenômeno das enchentes. Nesta descrição, analiso a presença das racionalidades sensível e técnica e suas múltiplas conjugações.

1. A disciplina de Prática Educativa II e a formação do professor de Música: o caso da Licenciatura em Música da UFSM

Nas comemorações dos 20 anos do grupo de pesquisa ForMusi, em Florianópolis em 2024, conversei com diversos colegas que também atuam em disciplinas voltadas para práticas de ensino. Assim, tomei conhecimento da existência das muitas maneiras pelas quais as 800 horas de práticas de ensino, previstas na legislação, são materializadas nos currículos dos cursos de licenciatura em Música em diferentes partes do Brasil.

Nós, da UFSM, a partir de 2005, dividimos as práticas de ensino em diversas disciplinas – algumas delas centradas também em outros assuntos e duas com a carga horária total: estágio curricular supervisionado e prática educativa. Assim, ficou acordado que, no geral, os estágios curriculares supervisionados se dariam preferencialmente nas escolas regulares, enquanto a Prática Educativa aconteceria em outros espaços. Ao longo dos anos, as práticas de ensino da disciplina foram realizadas em projetos sociais, em aulas particulares de música, e também na participação dos licenciandos em projetos de extensão e monitorias, entre outras formas.

³ Zalbaza (2004) trabalha com o conceito de dilema, que foi igualmente desenvolvido em artigos sobre diários de aula na área de Música e é debatido durante as aulas. Assim, é, muitas vezes, tomado pelos professores na construção de seus diários.

Buscando problematizar a minha atuação nesta disciplina, escrevi uma série de artigos sozinha (Louro, 2008; 2013a; 2023), ou em conjunto (Weiss; Louro, 2016; Reck; Louro, Rapôso 2014)⁴, sobre a disciplina de Prática Educativa. Além disso, uma pesquisa realizada por mim e André Reck, e duas pesquisas de TCC, que foram desdobramentos iniciados nos diários da referida disciplina, transformaram-se em artigo (Louro; Reck, 2017; Sala; Louro, 2015; Weiss; Louro, 2011). Desses, destaco os dilemas das aulas de flauta doce (Louro, 2023), texto no qual faço uma primeira leitura da questão da racionalidade sensível para o ensino de música.

Em Louro (2013b) em capítulo de livro no qual discuto os dados da minha tese de doutorado, Louro (2004), tomo o conceito de “experiência real” de Dewey (2011). No entanto, este capítulo se torna relevante para a discussão do presente texto, porque, ao buscar compreender a maneira como os professores universitários de instrumentos musicais dialogam com a “experiência real” dos alunos, acabo por descrever um pensamento no qual a racionalidade técnica do ensino de música é conjugada com a racionalidade sensível da presença de fragmentos das histórias de vida dos estudantes (Torres, 2019; 2021). Um dos entrevistados naquela ocasião descreve:

Quando o aluno já traz um conhecimento pronto, eu tento conectar com alguma coisa. Ele pode dizer “quando eu estava tocando no bar tal aconteceu tal coisa”, “agora tu estás me dizendo tal outra”, eu digo “bom, mas aquilo que tu falaste e separaste como a tua vivência de tocar num bar no sábado à noite e a tua vivência de tocar aqui uma sonata clássica podem ter uma relação”, então eu tento estabelecer paralelos para que haja uma interdisciplinaridade. [...] A não ser quando eu percebo que o conhecimento que ele está me trazendo está prejudicando. Por exemplo, ele se acostumou a tocar em bar, tinha uma posição de mão que anatomicamente não permite ele chegar nas peças mais difíceis dos semestres seguintes. “Olha esta posição que tu estás usando funciona porque tu tocas lá, aqui, que tecnicamente é mais complexo, tu vais bater contra o muro. Então, vamos ter que mudar” (Entrevistado Demétrio, sobre instrumento violão, citado em Louro, 2013b, p. 122).

A partir da necessidade de encontrar metodologias de ensino para a volta às aulas, na disciplina de Prática Educativa II, na continuidade do primeiro semestre de 2024, escrevi um projeto de pesquisa, pessoal, que denotava as buscas metodológicas de uma pesquisadora

⁴ A autorreferência nesta comunicação está direcionada a compreensão do desenrolar dessas reflexões ao longo dos anos e da publicidade dos artigos, escritos em contexto diversos se relacionando ao ensino de instrumentos musicais diferentes, que possivelmente sejam do interesse dos leitores.

(eu). O título do projeto era “Reconstruindo a partir da racionalidade sensível: diários de aula de licenciados”, e seu objetivo geral consistia em “investigar a presença da racionalidade sensível em diários sobre Prática de Ensino logo após as enchentes no Rio Grande do Sul, em maio de 2024”.⁵ Quanto aos objetivos específicos, eram os seguintes: “pontuar a presença da racionalidade técnica nos diários; destacar os usos do conceito de Zabalza (2004) sobre dilemas; dissecar as metodologias de ensino ligadas à racionalidade sensível”.

2. Formalidades e (in)formalidades: metodologias e relatos

Os espaços nos quais as práticas educativas geralmente foram feitas se caracterizavam por uma informalidade maior do que aquela que se dá no espaço da escola regular: não havia processo avaliativo formal; não era necessário seguir um currículo pré-estabelecido; não existiam coordenadores escolares ou supervisores. Somado a essa característica, optei por utilizar os diários nos relatos das aulas.

Tais informalidades conduzem a uma maior presença da subjetividade que, por sua vez, está relacionada à escolha da metodologia de diários. Vários autores apontam a presença da subjetividade nos diários. Para Zabalza (2004), aquilo que era emotivo se materializa em algo palpável, através da escrita. Nas pesquisas com diários existe uma crescente pré-disposição para “servir ao propósito dos diaristas” (Pezzatto; Bragança; Rosa, 2023)⁶. Desta maneira, eles vão se tornando uma forma de reflexão sem um desenho pré-estabelecido. Tal informalidade auxilia os professores em formação a refletirem sem se preocuparem com a linguagem e, em um primeiro momento, de modo livre.

A informalidade também está presente nas conduções metodológicas das aulas. Frases do tipo: “o aluno não estudou, então faço outra coisa” (especialmente em aulas de

⁵ O doutorando Igor Fuchs fez docência orientada nesta disciplina e colaborou de forma muito presente, quando da escrita final dessa comunicação estava com muitas demandas e solicitou que eu assinasse sozinha a submissão ao Congresso da Abem.

⁶ A partir da noção, trazida por estes autores, de que os diários são “borrados”, desenvolvo, na minha pesquisa de pós-doutorado, dois novos termos nocionais para a metodologia de ensino e pesquisa com diários: os “diários estético-musicais”, nos quais através da separação de um momento privilegiado de reflexão, o “momento sagrado”, a escrita de diários pode ser disparada pela presença, separados ou em conjugações, da relação com a paisagem externa e interna através de uma inspiração na natureza, na fotografia, nos diários de sons, e na improvisação musical, esta experiência defini como “experiência formativa eco estética” (Louro, 2025).

instrumento e voz); “conversamos mais do que tocamos” (dos diários de Louro, 2024); “ninguém veio, aí eu fiquei estudando” (Professor 4 da pesquisa relatada neste artigo). Neste contexto, torna-se mais provável admitir diálogos com fragmentos das histórias de vida dos alunos, como parte da metodologia, dentro de uma racionalidade sensível.

3. Em busca de metodologias de ensino em tempos difíceis: a racionalidade sensível a partir do desafio de enchentes

Em meio a esses cenários, tentamos dar aulas de música como “forma de alento para alma”, como conta o professor 2:

Ainda com problemas com relação aos acontecimentos no estado, preferimos fazer a aula através de uma chamada de vídeo, onde pudemos conversar um pouco sobre a situação de cada um em meio às notícias, que, por sorte, nem eu nem o aluno tivemos grandes perdas nem estragos, mas ficando impossível não se abalar com tudo acontecendo ao redor. Ao longo do papo, trouxe a indagação de como estão sendo as impressões dele com relação as aulas que retomamos, tendo uma resposta positiva acerca do objetivo inicial das aulas, que eram de ajudar a espalhar em meio as tarefas, o que também ajudou no momento em que se encontrava, em meio a calamidade pública, um alento para a alma através da música (Professor 2, Diário 4).

3.1. Apresentando os professores

A análise de dados dos diários foi feita dentro de uma abordagem hermenêutica (Morais; Bragança, 2021), a partir dos encaminhamentos dos três tempos de Souza (2014), juntamente com sua abordagem de relatar a condensações de dados conjugada com trechos de diários, fragmentos das histórias de vida. Dos 8 professores em formação matriculados na disciplina de Prática Educativa II do semestre 2024/1, do curso de Música: Licenciatura Plena da UFSM, escolhi analisar os diários de 4. O critério para seleção foi pautado no desenvolvimento de diários narrativos com a presença de reflexões sobre o ato de ensinar⁷.

A Professora 1 é uma jovem de aproximadamente 25 anos, mesma faixa etária dos outros professores. Ela descreve: “as aulas que vou dar são como uma monitoria de teoria e percepção para uma aluna do curso de Música de 23 anos, que está no 3º semestre de TP.

⁷ Inicialmente, foram solicitados 8 diários para o semestre. Com as dificuldades advindas das enchentes, o número ficou estabelecido em 6.

Reforços para as provas, explicar alguns conteúdos que ficaram mal-entendidos” (Professora 1, Diário 1).

Já o Professor 2 se propôs a dar aulas de guitarra elétrica para um jovem universitário com quem já havia trabalhado no ano anterior⁸. Sobre o aluno, ele narra: *“está nos últimos anos de sua faculdade, e gostaria de ter as aulas como forma de esparecer das tarefas acadêmicas do seu curso, levando mais como uma atividade de lazer”* (Professor 2, Diário 1). No que diz respeito ao Professor 3, ele contextualiza o desafio de suas aulas dizendo: *são “aulas particulares individuais [de canto, para se apresentar em festivais nativistas]”⁹, (...) a aluna (...) é uma criança com idade por volta dos 10 anos. Ela é diagnosticada com Transtorno do Espectro Autista (TEA), o que traz a cada aula um novo desafio”* (Professor 3, Diário 1). Em relação ao Professor 4, ele foi designado pelo projeto de extensão LEM: Tocar e Cantar¹⁰ para dar aulas de flauta doce, como atividade extracurricular, em uma escola de periferia. Ao longo dos diários, ele descreve muitas intercorrências como a falta de comunicação com a equipe da limpeza sobre a utilização da sala, as dificuldades de comunicação com os pais e, em decorrência disso, com os alunos, as frequentes ausências dos alunos nas aulas e, por último, dentro do quadro das enchentes, a inundação da sala de aula pelas chuvas.

Embora a racionalidade dos professores parta muitas vezes das questões técnicas da música e dos instrumentos musicais, ela acaba, de alguma forma, dialogando com fragmentos das histórias de vida dos alunos, dentro de uma racionalidade sensível. A Professora 1 problematiza sobre suas aulas de reforço de teoria musical:

[As minhas] primeiras impressões foram que a aluna tinha dificuldade em tétrades MM e mm. Ela confundia essas duas, principalmente achando que MM era mm, e não tanto com achar mm e ser MM. A tétrades Mm estavam mais firmes e ela reconhecia com mais facilidade, os erros não aconteceram.

⁸ A disciplina acontece em dois semestres, tendo começado no semestre 2023/2. Dessa forma, alguns dos alunos optaram por dar continuidade às atividades com os estudantes do ano anterior.

⁹ Os festivais nativistas do Rio Grande do Sul são mostras competitivas que exaltam a música regional do tipo “nativista”, ou seja, diferente da música tradicional e mais conservadora dos CTG’s – Centros de Tradição Gaúcha. Conforme Larruscain (2012), “o forte sistema disciplinar do MTG gerou opositores. Eram grupos situados entre os setores mais progressistas das entidades, ligados à música e à literatura, com inspiração urbana, contestadores das ditaduras e das guerras (do Vietnã, especialmente), defensores da ecologia e antimilitaristas. Surgidos nos anos 1970, com a Califórnia da Canção Nativa (1971), em Uruguaiana, os festivais se configuraram num espaço de expressão destas ideias e inauguraram o próprio movimento Nativista”.

¹⁰ “O Programa LEM: Tocar e Cantar caracteriza-se como um programa que reúne ações de ensino, extensão e pesquisa, iniciado em 2003, o qual integra projetos de formação musical e pedagógico-musical desenvolvidos através de oficinas.” <http://www.ufsm.br/lem/programa-lem-cantar-e-tocar> acessado em 03.10.2025.

Ao final, a aluna acertou 4 tétrades de 10, a maioria Mm (...). Acabei lembrando da música All Star, do Nando Reis [para usar como exemplo], mas a aluna não conhecia a música (Professora 1, Diário 1).

Mesmo que a aluna não conhecesse a música e que este recurso venha sendo usado por muitos professores de teoria musical, a tentativa de sair de um conhecimento abstrato retirado da música para um exemplo concreto associado a uma música conhecida demonstra movimento voltado ao diálogo com a vida da aluna. A seguir, trago alguns aspectos da análise sobre a presença da racionalidade sensível nos diários destes 4 professores.

3.2. Encontros entre aulas de música e a racionalidade sensível (processos de análise de dados)

As metodologias de análise de dados das pesquisas (Auto)biográficas buscam condensar os dados sem perder o contato com a vivacidade das narrativas. Na mesma direção de abarcar a complexidade do vivido, Souza (2014) desenvolve a análise compreensiva-interpretativa, e considera que

a análise compreensiva-interpretativa das narrativas busca evidenciar a relação entre o objeto e/ou as práticas de formação numa perspectiva colaborativa, seus objetivos e o processo de investigação-formação, tendo em vista apreender regularidades e irregularidades de um conjunto de narrativas orais ou escritas, partem sempre da singularidade das histórias e das experiências contidas nas narrativas individuais e coletivas dos sujeitos implicados em processos de pesquisa e formação (Souza, 2014, p. 43).

Além de borrar as fronteiras entre diferentes instâncias do vivido, este tipo de análise aponta para um respeito à singularidade. Desta forma, existe uma possível leitura transversal dos dados; todavia, ao fazê-lo, o pesquisador busca respeitar a singularidade e a complexidade das vidas narradas. Souza (2014) continua descrevendo os “tempos” da análise:

Para a análise interpretativa das fontes utilizei a ideia metafórica de uma leitura em três tempos, por considerar o tempo de lembrar, narrar e refletir sobre o vivido. Desta forma, a interpretação aconteceu desde o momento inicial da investigação-formação tanto para o pesquisador, quanto para os sujeitos envolvidos no projeto de formação, a qual se organizou a partir dos seguintes tempos: - Tempo I: Pré-análise / leitura cruzada; - Tempo II: Leitura temática - unidades de análise descritivas; - Tempo III: Leitura interpretativa compreensiva do corpus. (SOUZA, 2006a, p. 79) Desta experiência de análise compreensiva-interpretativa, destaco que os três tempos de análise como

dimensão metodológica graduam entre si relações de dialogicidade e reciprocidade, tendo em vista que mantem entre si aproximações, vizinhanças, mas também singularidade em seus tempos, momentos de análise (Souza, 2014, p. 43).

3.2.1. As unidades de análise temática

Souza (2014) avalia que é melhor pensar sobre “unidades de análise temática”, em vez de categorias, para que seja mantida a complexidade das narrativas dos participantes da pesquisa.

Em relação as enchentes duas expressões mais relevantes parecem emergir dos relatos nos diários: “compadecer” e “seguir a vida com esperança”. Dos quatro professores cujos diários foram analisados, pode-se fazer uma linha de graduação na qual os mais afetados estão emocionalmente comprometidos: agiram de forma concreta, como dar aulas de música em abrigos para refugiados das enchentes, e estão sempre presentes em seus relatos as necessidades desse momento atípico. Ao final desta graduação, estão aqueles mais “emsimesmados”, isto é, que se preocupam com as consequências imediatas para a execução de suas aulas, de modo que as demais características do momento atípico não aparecem como importantes dentro de seus diários.

Dois dos professores planejavam suas aulas a partir de uma racionalidade técnica: a Professora 1 com aulas de teoria e percepção, e o Professor 4 com aulas de flauta doce. Já os outros professores parecem planejar suas aulas levando em conta uma racionalidade mais sensível: o Professor 2 com aulas de guitarra elétrica, e Professor 3 com aulas de canto para apresentação em festivais nativistas. Mesmo para os professores cujos planejamentos partem da perspectiva de um diálogo com os alunos, é no momento de interagir nas aulas que surge a necessidade de abordar aspectos da racionalidade sensível na sua metodologia de ensino, o que pode ser depreendido a partir da escrita dos diários.

Ao buscar analisar este aspecto, dividi esta unidade de análise temática em três subdivisões. Para essas, construí uma tabela com trechos dos diários, os quais refletem fragmentos das histórias de vida dos professores que parecem estar relacionados à racionalidade sensível. As três subunidades de análise temática são:

a) Conversando mais que tocando - Quando a necessidade do diálogo verbal é mais importante do que as práticas musicais: os professores narraram em seus diários que buscavam dar atenção aos alunos para além do desconforto de percebê-los desatentos em algumas ocasiões. Procuravam deixar que brincassem com seus aparelhos eletrônicos (Tablets, por exemplo), o que era facilitado pelo fato de se tratar de aulas individuais. Também jogavam xadrez e conversavam sobre outras coisas – lembrando os participantes da pesquisa de Valentim e Louro (2024), sobre ensino de clarinete em uma banda militar, na qual o primeiro autor, como sargento, ameaçava a noção de uma hierarquia rígida, viajando ao lado dos alunos no ônibus e jogando futebol com seus alunos soldados. Todos os quatro professores parecem olhar para a sua prática pedagógica “com um enorme carinho” (Professor 4, Diário 6).

b) Questões de repertório - Quando os professores discutem o repertório a ser trabalhado em aula a partir das experiências dos alunos: os professores buscaram estudar metodologias utilizadas por seus alunos, mesmo que não as conhecessem nem apreciassem esta maneira de estudar; traziam possibilidades próximas ao cotidiano de escuta dos alunos, como no caso de tocar um solo de guitarra na flauta doce (Professor 4, Diário 6); procuravam contextualizar a aprendizagem nos conhecimentos anteriores dos alunos, da mesma forma que Demétrio na pesquisa de Louro(2013b). O professor de guitarra escreveu: “busquei escolher músicas que compartilhassem o mesmo vocabulário harmônico de acordes que meu aluno já conhecia no instrumento” (Professor 2, Diário 2).

c) Usos da tecnologia - Quando os professores interagem com fragmentos da história de vida dos alunos mediados pela tecnologia: com as dificuldades trazidas pelas enchentes os professores passaram a usar mais a tecnologia, pedindo que os alunos gravassem áudios via whatsapp e gravando aulas com câmeras de vídeo. O Professor 2 acabou pedindo “para o aluno compartilhar seus momentos musicais durante a semana, em forma de registros de áudio” (Professor 2, Diário 3). Transformam-se quase em um diário de sons focado nas músicas, como na pesquisa de Fuchs (2022), sobre os diários de som de alunos de licenciatura em música da UFSM, ou as playlists estudadas por Torres (2020), na época da pandemia.

Considerações finais

Alguns aspectos podem ser levantados em relação à contribuição da desta pesquisa. Em primeiro lugar, para pensar metodologias de ensino de música depois de catástrofes. Posteriormente, para, por empatia, auxiliar na reflexão de professores de música em formação ou em serviço. Além disso, para informar os debates sobre racionalidade sensível e pesquisa sobre diários na área de Educação e Educação Musical, numa contribuição de pesquisadores que já vêm estudando essa metodologia há alguns anos.

Dupuy (2006) já problematizava a técnica como solução para os desafios trazidos pelas tragédias. O professor de música, diante de um contexto como foi o das enchentes no Rio Grande do Sul, de maio de 2024, se vê desafiado a ir além da técnica. A racionalidade sensível, presente nos diários dos alunos – professores em formação – da disciplina de Prática Educativa, parece apontar para a possibilidade de um maior diálogo com a vida dos alunos nas aulas de música, o que se mostra um entre os diversos caminhos para que “seguir a vida com esperança”.

Tal racionalidade sensível vem sendo trabalhada ao longo dos anos na referida disciplina, problematizando-se as atuações de gerações de professores de música em formação, estudantes da UFSM. Nesta direção, o conceito de dilema trazido por Zabalza (2004) foi problematizado em diferentes tipos de aulas de música de acordeom, canto coral em projetos sociais, violino, flauta doce e pesquisa em Educação Musical, discutindo-se não apenas os aspectos técnico-musicais, mas também as relações entre professores e alunos, mais recentemente abordada a partir do conceito de racionalidade sensível (Louro, 2023). Acredito que, a partir da leitura dos diários, os professores de música em formação, incluindo os que já atuam profissionalmente, podem, por empatia, refletir sobre a presença do diálogo com a vida dos alunos em suas práticas.

Além disso, ao friccionar a racionalidade sensível a partir de diários, pretendo somar minha pesquisa a outros escritos sobre estes temas abordados na área de Educação e Educação Musical. As práticas de ensino descritas nos diários aproximam este conceito da área de Educação com realidades de momentos de aprendizado de teoria musical, guitarra, canto e flauta doce, sendo mais uma contribuição, da parte de pesquisadores ligados ao

Movimento (Auto)biográfico da Educação Musical no Brasil, para compreender encontros entre narrativas e música.

Referências

ALMEIDA, Jéssica de; TEIXEIRA, Ziliane. **Movimento (auto)biográfico da educação musical no brasil: avanços e perspectivas**. Revista da FUNDARTE, Montenegro, v. 57, n. 57, p. 1-21, e1270, 2023.

BRAGANÇA, Inês. **Sobre o conceito de formação na abordagem (auto)biográfica**. Educação, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 157-164, maio/agosto, 2011.

DEWEY, John. **Experiência e educação**. Tradução de Renata Gaspar. Petrópolis: Vozes, 2010.

DUPUY, Jean-Pierre. **Ainda há catástrofes naturais?** Análise Social, Lisbon, v. XLI, n. 181, p. 1181–1193, 2006.

LARRUSCAIN, Edilacir dos Santos. **Narrativas de estudantes de Música no Ensino Médio: Diálogos a partir de círculos restaurativos**. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação-UFSM, 2023.

LOURO, A. L. **Ser docente universitário-professor de música: dialogando sobre identidades profissionais com professores de instrumento**. (Tese de Doutorado). Porto Alegre: PPGE MUS Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004.

LOURO, Ana Lúcia. **Cartas de licenciados em música: (re)contando o vivido para centrar a aula no aluno**. Revista da ABEM, Porto Alegre, V. 20, 63-68, set. 2008.

LOURO, Ana Lúcia. **Improvizando sobre um tema de Larrosa: diários de aula numa disciplina sobre a 'narrativa de si' na pesquisa em Educação Musical**. Educere et Educare (Impresso), v. 8, p. 479-497, 2013.

LOURO, Ana Lúcia. **Reflexões narrativas sobre ensino de instrumentos musicais: diários de aula de flauta doce**. In: ROCHA, Sheila Mangoli; ROCHA, Gilvete de Lima Gabriel. (Org.). *Formação docente e práticas educativas*. 1ed.Boa Vista: Editora da UFRR, 2023, v. 1, p. 213-235.

LOURO, Ana Lúcia. **Processo identitário resiliente: Pesquisa Formação com professores de Música como uma árvore frondosa**- Relatório final de pesquisa de Pós-doutorado. Florianópolis; UDESC, 2025. Orientação: Teresa Mateiro. (mimeo)

LOURO, Ana Lúcia; RECK, André. **Práticas musicais do cotidiano na Iniciação Científica: diários de pesquisa em ambientes religiosos cristãos** Revista Digital do LAV – Santa Maria –vol. 10, n. 2, p. 200–212–mai./ago, 2017.

LOURO, Ana Lúcia. **Diários, musicobiografização e intersubjetividade:** caminhos possíveis para disciplinas de formação de professores de música após tragédia climática. *In: ENCONTRO REGIONAL SUL DA ABEM*, 21., 2024, Maringá. Anais [...]. Maringá: Universidade Estadual de Maringá/SESC, n.p

MORAIS, Joelson de Sousa; BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. **Pesquisa formação narrativa (auto)biográfica: da tessitura de fontes aos desafios da interpretação hermenêutica.** *Educar em Revista*, Curitiba, v. 37, n. art. e75612, 2021.

PENNA, Maura. **Mr. Holland, o professor de música na educação básica e sua formação.** *Revista da ABEM*, v. 23, p. 25-33, 2010.

PEZZATTO, Luciane Maria; BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza; ROSA, Camila Petruzzi dos Santos. **Memórias, escritas e diários em pesquisa formação.** *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica*, Salvador, v. 08, n. 23, p. 01-18, e1109, 2023.

RECK, André M. ; LOURO, Ana Lúcia ; RAPOSO, Mariane M. . Práticas de educação musical em contextos religiosos: narrativas de licenciandos a partir de diários de aula. *Revista da ABEM*, v. 22, p. 121-136, 2014.

SALA, Helena Doris ; Louro, Ana Lúcia . O diário de aula como um espaço para (auto)narrativa dentro de aulas de canto coral em um projeto social. *Reflexão e Ação (Online)*, v. 23, p. 411-431, 2015.

SOUZA, Elizeu Clementino de. **Diálogos cruzados sobre pesquisa (auto)biográfica: análise compreensiva-interpretativa e política de sentido.** *Educação*, Santa Maria, v. 39, n. 1, p. 39-50 | jan./abr. 2014

TEIXEIRA, Ziliane Lima de Oliveira ; ALMEIDA, Jéssica de. **GTE Educação Musical e Pesquisa (Auto)biográfica: análise de sua produção.** *Revista da ABEM*, [s. l.], v. 32, n. 1, e32103, 2024.

TORRES, Maria Cecília de A. R. **Narrativas de uma professora de um curso de Licenciatura em Música: entrelaçando memórias e práticas musicais.** *OuvirOUver*, v. 15 n. 1 p. 72-84 jan./jun. 2019.

_____. **Playlists em tempos de pandemia da Covid19: narrativas de educadores musicais integrantes de um Grupo de Estudos.** *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica*, Salvador, v. 05, n. 16, p. 1595-1613, Edição Especial, 2020.

_____. **Escolha de temas de pesquisa a partir de narrativas (auto)biográficas: desafios e reflexões.** *Cuadernos de la Relem / Cadernos da Relem*, ano 1, n. 1, p. 35-38, 2021.

VALENTIM, Hélio; LOURO, Ana Lúcia. **Aprendizagem e Formação em Educação Musical:** Perspectivas dos Diários de Banda Militar. *In: ENCONTRO REGIONAL SUL DA*

ABEM, 21., 2024, Maringá. Anais [...]. Maringá: Universidade Estadual de Maringá/SESC, n.p.

WEISS, Douglas R. B. ; LOURO, Ana Lúcia . **Diários de aula particular e Jornal de pesquisa: Uma experiência formativa voltada ao ensino de acordeom para terceira idade.** Revista Digital do LAV, v. 9, p. 119-139, 2016.

ZABALZA, Miguel. **Diários de aula: um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional.** Porto Alegre: ArteMed, 2004, 160p.